

Heidegger, Schelling e a Liberdade

*Acylene Maria Cabral Ferreira**

Sinopse

O objetivo desse ensaio é correlacionar o conceito de abismo em Schelling com o conceito de diferença ontológica em Heidegger através dos conceitos de liberdade, fundamento, existência e transcendência com o intuito de mostrar, por um lado, que o conceito de abismo é o fundamento originário de fundamento e existência em Schelling e, por outro, que o conceito de tempo é o fundamento originário de ser (*Sein*) e ente (*Seiende*) em Heidegger. O propósito dessa correlação consiste em afirmar que a liberdade é o sem-fundamento, o abismo, que funda o fundamento de toda e qualquer realidade.

Palavras-chave. abismo; diferença ontológica; liberdade; fundamento; existência.

Abstract

The goal of this essay is to propose a correlation between the concept of abyss in Schelling and the concept of ontological difference in Heidegger through various other concepts such as freedom, ground, existence and transcendence. Our aim is to show, on the one hand, that the concept of abyss is the originary ground for Being (*Sein*) and being (*Seiende*) in Heidegger. On the basis of such a correlation we intend to affirm that freedom is ultimately the ground-less, the abyss that grounds the ground of all and any reality.

Key-words. abyss; ontological difference; freedom; ground; existence.

* Doutora em Filosofia pela UFRJ; professora do Departamento de Filosofia da UFBA.

1

O propósito desse ensaio é relacionar o conceito de abismo definido por Schelling em *A essência da liberdade humana* com o conceito de diferença ontológica estabelecido por Heidegger na preleção *Problemas fundamentais de fenomenologia*, com o intuito de evidenciar em que medida tal concepção de Schelling clarifica o entendimento da dinâmica e constituição do conceito heideggeriano de diferença ontológica. A fonte principal para a realização desse propósito será a preleção *Schelling: da essência da liberdade humana (1809)* de Heidegger, na qual ele afirmou que “deveríamos reconhecer enquanto produção propriamente metafísica do tratado da liberdade: a fundamentação de um conceito originário de ser. Na linguagem de Schelling: a fundamentação originária da identidade absoluta numa ‘cópula’ originária.”¹ O pressuposto heideggeriano de que o tratado *A essência da liberdade humana* oferece uma nova concepção de ser, isto é, a metafísica moderna da subjetividade, permite-nos afirmar que para Heidegger “a fundamentação de um conceito originário de ser” concentra-se, na Contemporaneidade, na diferença ontológica. Porém, resta perguntar: como e por que o conceito heideggeriano de diferença ontológica pode ser equiparado ao conceito schellingiano de abismo? E ainda mais, qual a relação entre esses conceitos e o conceito de liberdade?

Para tratar da equiparação de tais conceitos será necessário indicar, primeiramente, como se relacionam, no pensamento de Schelling, os conceitos de abismo, liberdade, fundamento e existência, para em seguida mostrar como e por que eles evidenciam o conceito heideggeriano de diferença ontológica assim como os de fundamento, transcendência e liberdade. É importante acentuar que tais conceitos serão tratados e correlacionados na mesma direção, qual seja, a de evidenciar a preocupação de ambos os filósofos em mostrar a faticidade das questões metafísicas. Nessa perspectiva,

¹ HEIDEGGER, Martin. *Schelling: vom Wesen der menschlichen Freiheit (1809)*, p. 147. [Para referências bibliográficas completas deste e dos demais títulos cf. as Referências Bibliográficas abaixo.]

Schelling iniciou o seu tratado sobre a essência da liberdade humana questionando-se em que medida a filosofia poderia tratar da liberdade enquanto um conceito e enquanto um fato sem se restringir e se fixar a um ou a outro termo, isto é, como a filosofia poderia mostrar que a liberdade enquanto conceito e fato pertencem a uma unidade, a uma síntese originária; esta não teria nenhuma equivalência com a síntese dialética, que subsume a contradição, antes, ela seria uma síntese “definida como uma relação, na qual cada um dos pares é realmente para si e independente do outro e, portanto sequer e não pode existir sem esse outro”.² Nessa mesma perspectiva, Heidegger também se questionou em que medida a filosofia poderia tratar do ser enquanto ser e do ser enquanto fato, quer dizer, ente, numa unidade ou numa síntese originária. Assim, o ponto de partida e de sustentação para tratar das questões propostas nesse ensaio surgiu da convergência desses filósofos em discutir e resolver o problema filosófico da unidade do fundamento e da existência, ou seja, da liberdade enquanto essência e da liberdade enquanto existência, do ser em geral e do ente em totalidade, da unidade originária da liberdade enquanto essência e enquanto fato e da unidade originária entre ser e ente. Com isto pretendemos mostrar também a faticidade da filosofia, a compatibilidade entre o conceito de liberdade e de sistema, como afirmou Schelling: “o nexa entre o conceito de liberdade e o todo da concepção de mundo”³, ou na linguagem de Heidegger, o nexa entre a ontologia enquanto modo próprio de ser do homem e da ontologia enquanto produção do conhecimento, da liberdade enquanto um “deixar imperar e acontecer um mundo como mundo”⁴, que nada mais é do que o “nexa de liberdade e do todo da concepção de mundo”.

² VETÖ, Miklos. *Le fondement selon Schelling*, p. 503.

³ SCHELLING, Friedrich W. J. *A essência da liberdade humana*, p. 22.

⁴ HEIDEGGER, *Sobre a essência do fundamento*, p. 119.

2

Em *A essência da liberdade humana*, Schelling tratou da diferença entre fundamento e existência e buscou um fundamento para o fundamento da existência, que não coincide com o fundamento, mas que ao mesmo tempo não pode ser diferente dele. Para ele, o fundamento é essência e possibilidade, por sua vez a existência é atualidade e efetividade. Ao se conceber fundamento e existência nessa dimensão, parece que ambos são instâncias contrárias, no entanto, para Schelling, fundamento e existência copertencem na fundamentação disso que é. Nesse sentido, poder-se-ia dizer que a diferença entre fundamento e existência reflete a diferença entre o ser enquanto fundamento da existência e o ser enquanto existente; isto implica dizer que o fundamento é a natureza das coisas. Ora, se fundamento e existência se copertencem e se o fundamento é a natureza das coisas então pode-se inferir que ambos participam de uma unidade, que não é nem fundamento nem existência, mas o fundamento do fundamento da existência. Que significa essa afirmação?

“Para ser, até mesmo deus necessita de um fundo e fundamento, embora esse não possa estar fora dele mas somente nele, possuindo uma *natureza* que, embora lhe pertencendo, dele se distinga.”⁵ Dessa forma, fundamento seria um ser diferente de deus no sentido de deus como essência e de deus enquanto existência, apesar de não ser distinto dele. A dinâmica que Schelling estabelece entre a necessidade de ter um fundamento para o fundamento, um fundamento para o fundamento da existência, visto que toda existência tem um fundamento, recai sobre a necessidade de se pensar algo que preceda o fundamento. Mas como algo pode preceder o fundamento, isto é, ser fundamento e não precisar de algo que o fundamente? Somente se ele for um fundamento sem fundamento, somente se ele for o sem fundo, a indiferença, o abismo, pois apenas aquele que não apresenta um fundo

⁵ SCHELLING, *A essência da liberdade humana*, p. 53.

pode fundamentar a natureza das coisas, somente o que é em deus e que não é ele mesmo pode fundamentá-lo, conforme atesta a seguinte formulação de Schelling: “antes de todo fundamento e de todo existente, ou seja, antes de toda dualidade, deve haver uma essência. De que outro modo poderíamos designá-la senão como fundamento originário ou abismo?”⁶ O que fica evidente dessa explicitação é que para ser, seja fundamento ou existência, é preciso que haja algo que seja a essência comum de ambos, algo que os preceda e os fundamente enquanto tais. Se fundamento e existência provêm do abismo, do sem-fundamento, então eles pertencem a um fundamento originário e copertencem a um modo comum de ser, pois cada um é um, respeitando as suas diferenças, e cada um é o todo; tanto fundamento quanto existência são fundamento, na medida em que são fundamentados e se originaram da mesma essência: o abismo. Fundamento e existência podem ter um fundamento e uma essência comum – o fundamento originário – e constituírem-se como instâncias diferentes porque, para Schelling, somente há unidade se há separação e conflito. Para ele, a essência do ódio é o amor assim como a alegria e a tristeza são o que são porque cada uma se revela na essência da outra, cada uma enquanto existente guarda em si a essência da outra enquanto possibilidade de ser, visto que “o fundamento é somente uma vontade de revelação e para que esta aconteça ele deve proclamar o ser próprio e a contraposição.”⁷

Vimos que o abismo é o fundamento e o princípio originário que constitui fundamento e existência naquilo que eles são, guardando as suas diferenças. Apesar de o abismo se dividir em dois princípios comuns, ele não reduz e nem se perde em nenhum deles, antes se divide para que a vida e a realidade possam acontecer, para que a unidade de fundamento e existência possa revelar-se. No entanto, o que permite que essa diferença possa ser vista como uma unidade na realidade? É a síntese (cópula) originária: o amor, que

⁶ Ibid., p. 78.

⁷ Ibid. p. 53.

realiza a copertença de fundamento e existência, de identidade e diferença. A síntese de fundamento e existência é o amor, a harmonia, na qual reina a criação enquanto ato, quer dizer, o fundamento se torna fático na existência e essa é possível pelo fundamento que a reflete. A possibilidade da faticidade do fundamento é oriunda da síntese ou da harmonia entre os princípios do fundamento e da existência. Essa copertença ou harmonia é efetivada pelo amor e se reflete como liberdade, pois tudo aquilo que é, toda criação, depende de um ato e não de um dever. Donde decorre que a síntese ou a unidade de fundamento e existência é a liberdade como amor, a decisão que institui uma realidade, que torna tudo um ato seu. Daí pode-se dizer que o abismo é o fundamento do fundamento e o fundamento da existência, e o amor é o elo, que na faticidade une fundamento e existência.

3

Após essa exposição sobre a relação dos conceitos de abismo, fundamento, existência e liberdade em Schelling, trataremos da explicitação dos conceitos heideggerianos de diferença ontológica, fundamento, transcendência e liberdade, para enfim deixar evidente como e por que os conceitos schellingianos contribuem para o entendimento da concepção e da dinâmica do conceito de diferença ontológica em Heidegger. No entanto, antes, cabe perguntar: como é possível estabelecer uma relação entre os conceitos heideggerianos de diferença ontológica, fundamento, transcendência e liberdade? E mais, como podemos relacioná-los com os de Schelling?

O conceito de diferença ontológica diz tanto a diferença quanto a unidade entre ser e ente; diferença na medida em que ser e ente são instâncias próprias e distintas, e unidade na medida em que ser é sempre ser de um ente, e esse é sempre manifestação do ser. Podemos afirmar que essa relação de reciprocidade entre ser e ente mantém a mesma dinâmica da relação entre fundamento e existência de Schelling,

qual seja, ambos são instâncias distintas e ao mesmo tempo são princípios comuns de um fundamento originário: o abismo. Vale lembrar ainda que na faticidade fundamento e existência estão unidos pelo amor enquanto liberdade. Qual seria, portanto, o fundamento originário de ser e ente para Heidegger? É o tempo: o horizonte no qual ser e ente se desvelam e são compreendidos enquanto tais e também no qual mantêm sua unidade na diferença. Na faticidade, ser e ente estão unidos pela compreensão de ser própria ao *Dasein* (ser-aí; presença) e pelo comportamento do *Dasein* em direção aos entes. Não é possível pensar o comportamento em direção aos entes separado da compreensão de ser, eles estão intrinsecamente implicados; por um lado, toda compreensão de ser necessita da presença dos entes para efetivar-se e, por outro, todo comportamento em direção ao ente, isto é, todo acesso ao ente requer uma compreensão de ser. Essa copertença entre ser e ente dificulta o entendimento da diferença ontológica, visto que o ser é dado, entretanto dele temos apenas experiência, quando o tematizamos ele já se deu e, portanto, faticamente, não é mais sobre o ser que falamos, mas sobre o ente em seu ser, pois é o ente (isto que é) que encontramos em nossa faticidade e não o ser; como dissemos, é em direção ao ente, ou seja, em meio aos entes que nos comportamos. Por isso, a diferença ontológica aparece somente na faticidade. Tanto a compreensão de ser quanto o comportamento em direção aos entes constituintes do *Dasein* acontece na existência do *Dasein*. Isto significa que a diferença ontológica acontece na existência do *Dasein*. Cabe acrescentar, então, que a diferença ontológica encontra-se “latente” e torna-se explícita tematicamente na existência do *Dasein*, conforme atesta a seguinte afirmação de Heidegger:

A distinção entre ser e ente é temporalizada na temporalização da temporalidade. (...) A distinção entre ser e ente é *pré-ontologicamente*, sem um conceito explícito de ser, *latente na existência do Dasein*. Enquanto tal ela pode tornar-se uma *diferença explicitamente compreendida*. No fundamento da temporalidade pertence a existência do *Dasein* a unidade imediata da compreensão do ser e do comportamento em direção ao ente. Somente porque essa distinção pertence a existência ela pode tornar-se

explícita em diferentes modos. (...) Por esta razão chamamos a distinção entre ser e ente, quando ela é executada explicitamente, de *diferença ontológica* [*die ontologische Differenz*].⁸

A diferença ontológica é explicitada pela compreensão de ser que estrutura ontológica e existencialmente o *Dasein* enquanto o ente que se distingue dos outros entes porque tem como modo de ser o fato de existir compreendendo a si e ao mundo. Heidegger afirmou que a diferença ontológica é pré-ontológica porque a compreensão de ser que estrutura o *Dasein* é pré-ontológica, quer dizer, antes de compreender o mundo ou a si, antes de compreender os entes, o *Dasein* já tem uma certa compreensão de ser, isto significa que o ser é compreendido previamente. O que não quer dizer que em um primeiro momento se compreende o ser e em um segundo momento o ente, mas que somente compreendemos o ente em seu ser porque já temos uma compreensão prévia (pré-ontológica) do ser. “A tematização explícita e o desenvolvimento da diferença ontológica é, desde que está fundamentada na existência do *Dasein*, (...) um comportamento fundamental do *Dasein*, no qual a ontologia, i.é, a filosofia, constitui-se como ciência.”⁹ Eis aí a faticidade da diferença ontológica. No entanto, quando a diferença ontológica não é tematizada, ser e ente se desvelam, mas não são diferenciados. Anteriormente, vimos que ser e ente acontecem e ganham sentido na temporalização do tempo, donde concluímos, primeiramente, que o tempo é o fundamento originário, o sem fundo, o sem-fundamento, que acolhe a doação de ser e a efetivação do ente e, posteriormente, que a compreensão do ser, estruturadora do *Dasein* é, na faticidade, o nexa que liga ser e ente numa unidade, ao mesmo tempo em que os distingue e guarda a diferença existente entre eles, constituindo assim uma diferença na unidade, que Heidegger denominou de diferença ontológica.

⁸ HEIDEGGER, *The Basic Problems of Phenomenology*, p. 319.

⁹ *Ibid.*, p. 319.

4

Além da remissão aos conceitos schellingianos de abismo, fundamento, existência, amor enquanto liberdade, utilizados, nesse ensaio, para abordar o conceito heideggeriano de diferença ontológica, recorreremos, uma vez mais, ao conceito de fundamento do fundamento em Schelling, a fim de iniciarmos a tematização sobre os conceitos de fundamento e de liberdade em Heidegger. Com esse intuito, basearemos nossas inferências a partir da seguinte afirmação de Heidegger: “a filosofia é ontoteologia.”¹⁰ Por que iniciamos a discussão sobre fundamento e liberdade em Heidegger a partir de sua concepção da filosofia como ontoteologia? Que relação existe entre essa concepção heideggeriana e o tratado de Schelling? Para Heidegger, no momento em que no tratado da liberdade, “onde pela primeira vez emergiu o conceito de entendimento divino [também] foi indicado que o conceito de teologia pertence originariamente à filosofia. (...) Teologia diz aqui, perguntar sobre o ente em totalidade. Esta pergunta sobre o ente em totalidade, a teológica, não pode ser sem a pergunta sobre o ente enquanto tal, sobre a essência do ser em geral.”¹¹ Isto implica que a pergunta sobre o ser não pode ser sem a pergunta sobre o ente e vice-versa. Ora, por que, após a discussão do conceito de diferença ontológica, introduzimos o conceito de ontoteologia? Para acentuar a copertinência de ser e ente, que constitui a diferença ontológica. Dizer que a filosofia é ontoteologia, significa que a filosofia, através da ontologia, diz respeito à compreensão do mundo, que por sua vez necessita da compreensão do ser para efetivar-se. “E o tratado schellingiano é por isso uma das obras mais profundas da filosofia, porque ele é igualmente em um sentido único ontológico e teológico”¹²; na medida em que procura unir “o conceito de liberdade e o todo da concepção de mundo”. Para Schelling, essa unidade é possível através de um fundamento comum, do qual se

¹⁰ HEIDEGGER, *Schelling: vom Wesen der menschlichen Freiheit (1809)*, p. 88.

¹¹ *Ibid.*

¹² *Ibid.*

origina o princípio do fundamento e o da existência. Por isso ele afirma que “para ser, até mesmo deus necessita de um fundo e de um fundamento”, sendo assim, o fundamento do mundo deve ser tratado a partir do fundamento originário de todo ser.

Considerando-se que nada é antes ou fora de deus, deus deve possuir em si mesmo o fundamento de sua existência. (...) Se nada, porém, pode ser fora de deus, essa contradição só pode se resolver quando se considera que as coisas têm seu fundamento naquilo que, em deus, não é ele *mesmo*, ou seja, naquilo que é fundamento de sua existência. (...) O fundamento é somente uma vontade de revelação e para que esta aconteça deve proclamar o ser próprio e a contradição.¹³

Para Heidegger, questionar sobre o fundamento da existência de deus é questionar-se sobre o fundamento do fundamento, sobre a verdade do ser de um ente, e essa é uma pergunta que diz respeito à ontologia; ao passo que questionar sobre o fundamento do mundo significa questionar-se sobre a verdade de um ente em seu ser, e essa seria uma pergunta teológica, pois trata da fundamentação do ente em totalidade, e concerne ao comportamento do *Dasein* em direção aos entes, enquanto a ontológica concerne à compreensão do ser. Por este motivo, Heidegger afirmou que o tratado de Schelling é uma das obras filosóficas mais profundas, pois na medida em que, no tratado, Schelling problematizou a coexistência de liberdade e sistema, ele transformou a filosofia em ontoteologia e associou a pergunta sobre o fundamento do mundo (teológica) à pergunta pelo fundamento do fundamento (ontológica), e mais, ele afirmou que essa associação somente seria possível se o fundamento proclamasse tanto o ser próprio quanto a contradição. É importante ressaltar que contradição aqui não diz oposição ou dualidade, a negatividade aqui é positividade, isto diz o mesmo que o contrário de uma essência é a sua não-essência, pois “toda essência só pode revelar-se em seu contrário. (...) O bem e o mal não constituem uma

¹³ SCHELLING, *A essência da liberdade humana*, p. 39, 40.

contraposição originária e muito menos dualidade. Dualidade ocorre quando duas essências realmente se opõem. O mal, contudo, não é uma essência, mas uma não-essência (*Unwesen*). (...) Se não houvesse separação dos princípios, a unidade não poderia mostrar-se como todo-poderosa.”¹⁴ Se não houvesse a separação entre fundamento e existência, o fundamento originário não poderia ser a fonte de todo ser. Nesta perspectiva, pode-se dizer que a unidade todo-poderosa corresponde ao abismo, fundamento originário dos princípios do fundamento e da existência, o qual mantém a diferença de fundamento e de existência e os reúne como princípios comuns de um fundamento originário, reunião que, na faticidade, funda um modo de ser. Mais uma vez, é possível perceber aqui a relação desses conceitos com o conceito heideggeriano de diferença ontológica, apresentada, anteriormente, nesse ensaio, assim como perceber que, a partir da consideração da filosofia como ontoteologia, poderemos investigar em que medida o tratado da liberdade contribuiu para a noção de fundamento e de liberdade como transcendência em Heidegger.

5

A unidade de fundamento e existência assim como a unidade de ser e ente constituem, na faticidade, um modo de ser, conservando, entretanto, a diferença na unidade. A referência ao termo faticidade inclui, de maneira muito incisiva, a existência do homem, pois é ele que torna fática a diferença ontológica e a liberdade como fundamento da existência, como fundamento da inteligibilidade do mundo (Schelling). Nesse caso, tanto a diferença ontológica quanto a liberdade fundamentam o ser e desvelam a verdade de um ente, ou seja, revelam isto que é. A diferença ontológica e a liberdade constituem problema apenas para o homem, pois somente ele é ontológico, na medida em que é estruturado pela compreensão de ser. Na filosofia de Heidegger, isto significa

¹⁴ Ibid., p. 52, 81.

que o *Dasein* é o fundamento da diferença ontológica, o responsável pelo desvelamento do ser e do ente assim como pela revelação da verdade do ser de um ente (verdade ontológica) e pela verdade do ente em seu ser (verdade ôntica). Mas que relação podemos estabelecer entre a diferença ontológica e a liberdade em Heidegger?

Para que a relação entre liberdade e diferença ontológica seja tratada é necessário retomar à correlação estabelecida, anteriormente nesse ensaio, a partir do tratado da liberdade, entre o conceito de abismo enquanto fundamento originário de fundamento e existência e o conceito de tempo como fundamento originário de ser e ente; tempo como horizonte de manifestação de ser e ente. Tempo tomado na concepção de horizonte não é um lugar onde ser e ente se encontram, antes diz finitude, o fundamento originário, o sem-fundamento que dá sentido ao desvelamento de ser e ente. O tempo, em seu caráter de finitude pode ser encarado como o sem-fundo, visto que o finito é o que não tem começo nem fim, é princípio e, como tal, necessita se colocar a todo instante, noutras palavras, princípio, o que funda, é fundamento originário: o abismo. Segundo Heidegger “ser significa (...) o mesmo que apresentar. De dentro do apresentar e da presença fala o presente. Este constitui, segundo a representação corrente, a característica do tempo, junto com o passado e o futuro. Ser enquanto presença é determinado pelo tempo.”¹⁵ Por isto afirmamos que o tempo é o fundamento originário, o sem-fundo que determina o sentido do ser, na medida em que sendo o horizonte no qual ser e ente se desvelam possibilita o acontecimento de ambos. No entanto, cabe ressaltar que do tempo não dizemos ele é, pois essa é uma conotação do ser, e tempo é distinto de ser; dizemos o tempo temporaliza. A temporalidade, isto é, a temporalização do tempo, é o horizonte no qual o *Dasein* compreende ser. Que diferença há em afirmar que o tempo é o horizonte no qual acontece a manifestação do ser e esta afirmação que diz que a temporalidade é o horizonte no qual compreendemos ser?

¹⁵ HEIDEGGER, *Tempo e ser*, p. 257-8.

Heidegger disse: há tempo e há ser. O ser é e o tempo temporaliza. Entretanto, na faticidade, ser e tempo copertencem numa unidade; quer dizer, ser se desvela como tempo, esse marca as diversas maneiras de o ser acontecer e, por sua vez, o tempo é experienciado através do desvelamento dos modos de ser. Mas, se o tempo é finito e se o ser copertence ao tempo, logo ser também é finito. Como o *Dasein* é estruturado pela compreensão de ser, e ser é finito, decorre daí que ele também é finito. Dessa maneira, fica caracterizada a finitude de tempo, ser e *Dasein*. Ora, anteriormente definimos a finitude como o sem-fundamento, como o abismo e esse como tempo, como explicar a finitude de ser e *Dasein*? Eles também são fundamento originário? Para melhor compreender a questão é importante retomarmos o pensamento de Schelling no que diz respeito ao fundamento originário. Conforme o autor, o fundamento originário é uma essência que precede todo fundamento e todo existente e que poderia ser sem eles, mas que não é, e deles se distingue. Da mesma forma, o tempo é fundamento originário de ser e ente, que possibilita tanto a distinção quanto a unidade de ambos, embora deles se diferencie e embora não possa ser sem eles. Se o tempo é o sem-fundamento e se esse é finito, então os princípios que dele se originam também são finitos, e como o fundamento originário não é sem os princípios que ele fundamenta, a finitude do tempo pode ser experienciada através do desvelamento de ser e ente. Eis aqui o tempo como horizonte de manifestação de ser e ente. Para responder à questão sobre a temporalidade como o horizonte no qual o *Dasein* compreende ser, é preciso resgatar a afirmação que fizemos anteriormente, qual seja, aquela que diz que o tempo temporaliza e que essa temporalização é temporalidade. Daí poder-se-ia dizer que a temporalidade é o acontecimento do tempo experienciado pelo acontecimento do ser. Dá-se tempo, dá-se ser e dá-se ente. Assim sendo, pode-se corroborar que a temporalidade é o acontecimento no qual experienciamos tempo e ser e no qual determina-se tudo isso que é. Por este motivo, a temporalidade, na medida em que determina os modos de ser do *Dasein*, é o horizonte no qual o *Dasein* compreende ser,

pois enquanto determinado pela temporalização do tempo, o *Dasein* também é temporalidade.

Todo ente é determinado pela temporalidade, inclusive o *Dasein*. Ele é uma temporalidade que compreende o ser e, nessa perspectiva, é o fundamento da diferença ontológica, é o ente que tem como essência a compreensão temporalizante do ser ao se relacionar com os entes. Novamente apresenta-se para nós o problema do fundamento, visto que para entendermos a relação de liberdade e diferença ontológica em Heidegger é preciso antes explicitar a seguinte afirmação: o *Dasein* é o *fundamento* da diferença ontológica. Que significa aqui o termo “fundamento”?

Se o elemento característico do ser-aí [*Dasein*] reside no fato de se relacionar com o ente compreendendo o ser, então o poder distinguir, em que a diferença ontológica se torna fática, deve ter lançado a raiz de sua própria possibilidade no fundamento da essência do ser-aí. A este fundamento da diferença ontológica designamos, já nos antecipando, *transcendência* do ser-aí.¹⁶

Transcendência, diz Heidegger, é a constituição fundamental do *Dasein* e significa a ultrapassagem do *Dasein* em direção ao mundo, já que ele é, essencialmente, estruturado pela compreensão do ser e pelo comportamento em direção aos entes. Na medida em que o *Dasein* se comporta em direção aos entes e compreende o ser dos entes, ele instaura mundo e também transcende o mundo. Transcender mundo significa que o *Dasein*, ao compreender ser, dá sentido a ele, possibilitando uma nova significação de mundo, que por este motivo mesmo pode ser dita transcendência, já que ultrapassa a significação anterior; ultrapassar aqui não tem um sentido espacial ou valorativo, não implica que a nova significação é melhor que a outra ou está mais avançada que a anterior, antes diz apenas que é um outro sentido, uma outra perspectiva ou um outro modo de ser do mundo. Transcendência diz então compreensão de ser e significância de mundo. A transcendência instaura sentido de ser, determina entes e edifica mundo. Como a

¹⁶ HEIDEGGER, *Sobre a essência do fundamento*, p. 102.

transcendência é a constituição fundamental do *Dasein*, então é ele quem instaura sentido e significa mundo. Dizer que o *Dasein* é o *fundamento* da diferença ontológica, remete, necessariamente, para a constatação que fundamento é transcendência, assim o *Dasein* é a transcendência que ultrapassa o mundo em direção aos entes e por isso fundamenta a diferença ontológica e edifica mundo. Isto significa que, estruturalmente, o *Dasein* é a transcendência que fundamenta mundo. Com mais este esclarecimento sobre o fundamento, podemos concluir que fundamento, na concepção de sem-fundo, significa finitude e transcendência. Enquanto tal, o fundamento é o princípio originário da diferença ontológica, princípio no qual a diferença ontológica se torna fática e explícita. Mas, o fundamento originário da diferença ontológica não é a temporalização do tempo? Como temporalidade e transcendência se relacionam?

Considerando-se que a transcendência como fundamento do *Dasein* em direção ao mundo diz a ultrapassagem em direção à significância do mundo e que mundo se edifica a partir da copertinência de ser e tempo e de ser e ente, podemos corroborar que transcendência é o fundamento originário da diferença ontológica, na medida em que ela é temporalidade e que esta é finitude. Como dissemos, finitude é o sem-fundamento e este, para Schelling, *precede* todo fundamento e toda existência, logo, apoiados nessa afirmação schellingiana, podemos dizer que, em Heidegger, o sem-fundamento – a finitude – enquanto temporalização do tempo é precedência no sentido de antecipação. “O tempo enquanto fonte de todas as possibilidades é antecipativo. (...) Ele é a condição fundamental para toda antecipação.”¹⁷ Isto não quer dizer que o tempo é antes do ser, mas que o ser se desvela no horizonte do tempo, que é antecipação. É nesse sentido, que o fundamento é transcendência e que esta é temporalidade. Transcender, portanto, é antecipação. Por este motivo, dissemos que fazemos uma experiência do ser e nos comportamos em meio aos entes, pois sendo finito, o ser é dado previamente e, devido a esse fato, o compreendemos

¹⁷ HEIDEGGER, *The Basic Problems of Phenomenology*, p. 325.

previamente. Porque o *Dasein* vive em meio aos entes “ele não sabe nada acerca de sua compreensão de ser já dada. Faticamente o *Dasein* existente esqueceu o prévio. (...) A possibilidade do comportamento em direção aos entes demanda a compreensão prévia do ser e a possibilidade da compreensão prévia do ser demanda por sua vez a projeção prévia sobre o tempo.”¹⁸ Explicitando melhor, toda referência que fazemos ao ser é uma referência ao ente em seu ser, visto que a compreensão do ser é prévia e dela, faticamente, nada sabemos. O ser acontece, ele se dá, previamente, para nossa compreensão, já que nos comportamos em meio aos entes, no entanto, é a compreensão prévia que temos do ser que permite nos relacionarmos com os entes. O ser se dá pela sua projeção no tempo: o ser é um acontecimento finito, por isso o compreendemos como temporalidade, como antecipação. Para o *Dasein* o acontecimento do ser é um acontecimento temporal, visto que o caráter de antecipação, que constitui a compreensão do ser, é próprio ao tempo. Fazemos a experiência de tempo e ser e lidamos com os entes porque o modo que temos para compreender o ser é antecipativo; compreendemos ser pela temporalidade e essa pelo acontecimento do ser. Assim podemos ratificar que o fundamento é transcendência e que essa é antecipação (finitude). Estabelecida a correlação de fundamento, transcendência, temporalidade e diferença ontológica, qual seja, que o *Dasein* compreende ser na medida em que relacionando-se com os entes volta a essa compreensão de ser dada previamente (temporalizada), para enfim poder dizer algo sobre o acontecimento do ser e do tempo, resta, agora, investigar qual a relação existente entre fundamento, transcendência e liberdade.

“A ultrapassagem para o mundo é a própria liberdade. (...) Somente a liberdade pode deixar imperar e acontecer um mundo como mundo (*Welten*). (...) A liberdade como transcendência (...) é a origem do fundamento em geral. Liberdade é liberdade para o fundamento.”¹⁹ Essa citação de Heidegger permite-nos obser-

¹⁸ *Ibid.*, p. 326-5.

¹⁹ HEIDEGGER, *Sobre a essência do fundamento*, p. 102.

var a interseção entre fundamento, liberdade e transcendência: liberdade é transcendência e essa é “a origem do fundamento em geral”; dito de outra forma: na existência, a liberdade é a origem de todo acontecimento. A liberdade, enquanto ultrapassagem em direção ao mundo, é a decisão que fundamenta a significância de mundo e institui um modo de ser. Dessa forma, a liberdade enquanto transcendência está intimamente ligada com a verdade ontológica; como já dissemos antes, a verdade ontológica coincide com a verdade do ser. “Verdade ontológica, isto, porém, quer dizer, na própria transcendência. *A liberdade é a fonte do princípio do fundamento.*”²⁰ Ainda há pouco concluímos que o princípio do fundamento era a antecipação; através das palavras de Heidegger que acabamos de citar, vimos que é a liberdade. Como podemos compatibilizar antecipação e liberdade com o princípio do fundamento? Na medida em que liberdade é transcendência ela também é antecipação, e como liberdade coincide com antecipação, ambas podem ser tomadas na concepção de princípio do fundamento. Antecipação, aqui, diz projetar: lançar-se previamente. Compreendemos os entes porque a compreensão do ser é projetada em direção a eles, ela lança, antecipadamente, as possibilidades de ser dos entes. Assim, a antecipação é o fundamento da diferença ontológica, pois funda as possibilidades da compreensão de ser de um ente. Chamamos de projeto isso que antecipa as possibilidades para que os entes sejam compreendidos em seu ser. Se projeto é entendido como antecipação da compreensão de ser de um ente e se a compreensão prévia do ser é fundamento para os acontecimentos de ser e para a significância e edificação do mundo, então a liberdade como princípio do fundamento é projeto: abertura para as possibilidades do dar-se ser e do dar-se tempo, abertura para a instauração da diferença ontológica e da temporalização do tempo.

Afirmamos tanto que o fundamento é liberdade e princípio quanto que liberdade é a fonte do princípio do fundamento. Princípio e fundamento são distintos? Não. Liberdade

²⁰ *Ibid.*, p. 124.

de, princípio e fundamento dizem o mesmo, no entanto, Heidegger faz uma distinção entre fundamento e fundar, distinção que coincide com a diferença entre ser e ente. Fundar, para ele, é princípio e fonte de toda significância de mundo, e fundamentar origina-se do fundar; ou seja, o fundar concerne a verdade ontológica e o fundamentar a verdade ôntica. Fundar significa que experienciamos ser e tempo e essa experiência se apresenta como significância de mundo, como fundamentação disto que é. Porém, como já vimos, a verdade ontológica não é sem a verdade ôntica; e sendo assim fundar e fundamentar se copertencem, isto é, fazemos a experiência do ser na medida em que nos comportamos em direção aos entes. Isto significa que o fundamentar é um fundar e reciprocamente. O fundar é um fundamentar, diz o mesmo que a copertinência entre ser e ente: a diferença ontológica. Fundar é fundamentar, e reciprocamente, na medida em que fundar é o princípio de todo acontecimento: o fundamento de toda e qualquer realidade. Conforme vimos, toda realidade é fundada pelo acontecimento de tempo e ser, pela copertinência da finitude do tempo e da finitude do ser e, concomitantemente, pela finitude do *Dasein*, que transcende em direção a tudo isto que é. O *Dasein* é transcendência, finitude e fundamento porque é estruturado pela compreensão de ser. Sendo liberdade, sendo transcendência, o *Dasein* é o fundamento de todo ente. Como o fundamento participa de uma relação de copertinência com o fundar, a liberdade é um fundamento que funda. Assim, a liberdade é o princípio, o fundar de todo fundamento, o fundamento do fundamento: o abismo. “A liberdade é a razão do fundamento (o fundamento do fundamento). (...) Enquanto este fundamento, porém, a liberdade é o abismo (sem-fundamento) do ser-ai. (...) A transcendência, no sentido da liberdade para o fundamento, (...) é compreendida como abismo.”²¹ Eis aqui, nas palavras de Heidegger, a interseção entre os conceitos schellinianos de abismo, fundamento, existência e liberdade com os conceitos heideggerianos de diferença ontológica, fundamento,

²¹ Ibid., p. 125.

liberdade e transcendência. Mas qual a interseção entre os conceitos heideggerianos de diferença ontológica, tempo, fundamento, transcendência e liberdade?

Mais uma vez, recorreremos ao tratado da liberdade de Schelling, no qual ele afirma que “toda essência só pode revelar-se a partir de seu contrário; (...) e que o mal não é o contrário do bem, mas sua não-essência”. Com esta remissão, queremos afirmar que, em Heidegger, o fundamento é a não-essência do fundar, que o ser é o fundar do ente e este é o fundamento do ser; e por sua vez, que o tempo é o fundar do ser e esse o fundamento do tempo, e como toda essência apenas se revela através de sua não-essência, temos a copertinência de ser e tempo, de ser e ente, de fundar e fundamentar, de liberdade e transcendência. Das considerações tecidas nesse ensaio podemos ainda afirmar que a liberdade é o fundamento de todo comportamento em direção ao mundo e, nessa perspectiva, ela é transcendência, a ultrapassagem em direção a significância do mundo; donde podemos concluir que a liberdade é o fundamento, a origem do acontecimento do mundo, porque ela funda modos de ser ao revelar o desvelamento do ser e a temporalização do tempo. “A liberdade é o fundamento do fundamento”, o fundar que instaura acontecimentos, e fundamenta a existência transcendendo em direção ao sentido do ser e a temporalização do tempo. A liberdade enquanto transcendência é o fundamento da existência.

Referências bibliográficas

- HEIDEGGER, Martin. *Schelling: vom Wesen der menschlichen Freiheit (1809)*. Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann, 1988.
- _____. Sobre a essência do fundamento. In: HEIDEGGER. (Os Pensadores.) São Paulo: Abril Cultural, 1979.
- _____. Tempo e ser. In: HEIDEGGER (Os Pensadores.) São Paulo: Abril Cultural, 1979.
- _____. *The Basic Problems of Phenomenology*. Indianapolis: Indiana University Press, 1988.

SHELLING, Friedrich W. J. *A essência da liberdade humana*.
Petrópolis: Vozes, 1991.

VETÖ, Miklos. *Le fondement selon Schelling*. Paris: Beauchesne, s.d.

Acylene Maria Cabral Ferreira
Rua Amazonas, 179/501
Pituba, Salvador-BA – 41830-380
acylene@ufba.br